

Literaturas em Contextos Multilíngues: Literatura moçambicana: que identidade?1

Agostinho Goenha2

Resumo

Na abordagem teórica do fenómeno literário africano parece haver uma omissão de um tempo (referente ao período da colonização portuguesa em África). Consideramos que a avaliação e o estudo desse tempo podem permitir uma melhor compreensão e conhecimento dos alvares da dinâmica literária em Moçambique, de certas influências e heranças, tanto de carácter estético-literário, como de carácter sócio-ideológico e até de carácter temático. O presente artigo debruça-se sobre esse fenómeno.

Palavras-chave: Moçambique, Literatura, Identidade, Nacionalidade e Reflexões.

Âmbito

O presente estudo funda-se basicamente no propósito de dar continuidade às reflexões teóricas anteriores feitas por estudiosos do fenómeno literário africano, em torno da problemática das literaturas africanas de língua portuguesa, particularmente no que diz respeito à sua génese e afirmação.

Objectivo

O objectivo deste estudo é contribuir para a formulação e a incorporação de algumas linhas de análise, de propostas e de hipóteses tendentes ao maior enriquecimento destes estudos.

Podemos constatar que nos estudos relacionados com a emergência do fenómeno literário moçambicano, ou em Moçambique, ou de Moçambique, que se situa mais ou menos na primeira metade do século passado, há a tendência para se dar preferencialmente privilégio àquelas manifestações literárias que apresentam marcas mais ou menos evidentes de pretensões nacionalistas, ou de um discurso reivindicativo, na linha próxima dos movimentos progressistas, independentistas e do proto-nacionalismo africanos, que protagonizavam um certo dinamismo naquela época.

Em resultado destas opções, deliberadas ou não, constatamos que, na abordagem teórica do fenómeno literário africano, parece haver uma omissão de um tempo (referente ao período da colonização portuguesa em África). Pensamos que a sua avaliação e estudo poderia permitir, eventualmente, uma melhor compreensão e conhecimento dos alvares da dinâmica literária em Moçambique, para além do conhecimento de certas influências e heranças, tanto de carácter estético-literário, como de carácter sócio-ideológico e até de carácter temático, nas obras desse tempo. Veja-se, por exemplo, que o ponto de referência fundacional da nossa literatura é o final do século XIX (Campos Oliveira) ou o início do XX (Rui de Noronha), como se antes não tivesse existido nada.

Qualquer análise em torno do fenómeno que se relaciona com o desenvolvimento da actividade literária em África deve ser feita, no nosso entender, tendo *à priori* em consideração, de forma particular, à sua natural e intrínseca relação, tanto com a educação formal (referimo-nos a escolas como meios de aquisição do saber científico), como com a educação informal (em que se destacam, neste caso particular, as formas tradicionais e familiares de transmissão de ensinamentos, de valores e de conhecimentos sobre a vida prática quotidiana); de modo geral, deve-se ter em atenção igualmente os aspectos sociais, políticos e outros que se relacionem com a história e com a política.

Procuramos consolidar a nossa presente abordagem com base em bibliografia teórica e noutras reflexões de autores consagrados, em torno desta questão, como é o caso de estudiosos como Saraiva e Lopes (2000), que defendem a necessidade de se tomar em consideração factores multifacetados, na abordagem de determinado fenómeno literário, nos seguintes termos:

Deste ponto de vista, consideramos que na classificação das literaturas temos de atender não apenas a divisões linguísticas, mas também aos marcos das diferenciações políticas nacionais; se, por outro lado, a unidade política nacional fornece um esquema de referência para o estudo da história literária que lhe é precursora - pode perguntar-se se são os grandes marcos da história político-social que devem balizar o estudo da literatura nacional.³

Antes de mais, consideramos oportuno tornar claro que não se pretende, com esta abordagem, fazer uma espécie de reabilitação do que se designa por 'literatura colonial', mas sim tentar compreender e interpretar o discurso colonial, em parte, à luz da teoria 'pós-colonial'; pretende-se, sobretudo, tentar compreender um tempo histórico, através de textos literários (e históricos) e através de um 'pensamento' literário africano, local e intrínseco.

Justifica esta nossa pretensão, entre outras válidas razões, a constatação da estudiosa Martinho (1998), em "O conceito de cânone: *norma non normata*", de que os estudos e, sobretudo, a crítica sobre as literaturas africanas têm sido feitos com um fundo de uma visão exterior ao seu continente, à sua realidade e até com uma certa impositividade da leitura, com base no que se considera ser o cânone do centro, no caso, a Europa (abordamos esta questão mais adiante); a este propósito, considera o seguinte:

A literatura africana (...) é sobretudo comentada de fora, o que nos faz, críticos europeus, cair no contra-senso de uma leitura que quase não tem sustentação paritária local e que também por isso se encontra mais obviamente sujeita a critérios de avaliação extrínsecos e muitas vezes de duvidosa pertinência, se pensarmos na individualidade de tais literaturas tantas vezes apreciadas como um bloco único⁴.

Entretanto, para uma melhor compreensão dos fundamentos desta teoria de pós-colonialidade, importa fazer uma breve caracterização e contextualização da sua génese:

Enquanto conceito de origem anglo-saxónica, o *pós-colonialismo* toma como realidade fundadora o colonialismo britânico; no campo dos estudos literários começa a desenvolver-se a partir da década de 60 (do século passado), com a revisão das novas literaturas produzidas pela 'commonwealth', a sua integração nos currícula, bem como com o surgimento de casas editoras que promovem a publicação de escritores oriundos de África, da Índia e de outras zonas das ex-colónias britânicas.

Mas é sobretudo a partir da publicação de Edward Said, de *Orientalism*, em 1978, que se desenvolvem teórica e criticamente os estudos sobre pós-colonialismo, surgindo posteriormente obras de outros intelectuais diaspóricos que reclamam uma voz crítica pós-colonial, oriundos, ou com raízes nos ex-países colonizados.⁵

O estudo e o pensamento de E. Said⁶ foi posteriormente desenvolvido por vários intelectuais e um dos mais conceituados é Homi K. Bhabha⁷, *apud* LEITE, A. M. (2003). No Depois da segunda guerra

seu estudo acerca do 'outro', Bhabha elucida melhor a respeito das nossas pretensões, ainda que a sua abordagem esteja relacionada com a realidade colonial asiática; consideramos entretanto que, nos seus aspectos gerais, esta abordagem apresenta algumas similitudes com a realidade colonial africana. Apresentamos, de seguida, um breve excerto de *Descolonizar a 'Europa'* (2005):

Não pretendo desconstruir o discurso colonial, a fim de revelar os seus equívocos ou repressões ideológicas, nem condescender com a sua auto-reflexividade ou contemporizar com o seu 'excesso' libertador. Para se compreender a produtividade do poder colonial é preciso construir o seu regime de verdade e não sujeitar as suas representações a um juízo normalizador.⁸

Neste sentido, Martinho (1998), no seu interessante estudo comparativo e analítico relativo aos processos educativos e, sobretudo, literários referentes a Angola e a Moçambique,

particularmente no capítulo intitulado “O cânone Literário na África lusógrafa (Angola e Moçambique)” sugere também, a este propósito, o seguinte:

Para compreendermos o modo como em Angola e em Moçambique se evoluiu no tocante à centralidade de textos e autores nos respectivos sistemas literários, importará lembrarmos alguns dos momentos fundamentais em termos das respectivas histórias literárias e igualmente os condicionalismos que presidiram desde sempre a esse efeito selectivo. Tais pressupostos são de toda a ordem: cronológicos, temáticos, ideológicos, linguísticos, literários. Conjugando-se total ou parcialmente em muitos casos, fazem emergir uma dificuldade pronunciada quando queremos situar-nos na destriça estética e ética em simultâneo e no quadro de uma tradição que se apresenta com as contradições e qualidades inerentes à convivência de mundos *primitivos e modernos*.⁹

Não deixamos de reconhecer que este tipo de literatura produzida em África, ou sobre África sofre, de certo modo, um certo estigma nas instituições literárias europeias, na medida em que é considerada, na perspectiva conservadora e, de certo modo, tutelar da ex-Metrópole, como uma literatura de periferia.

Consideramos, por conseguinte, oportuna, mais uma vez, a visão de Reis, a propósito da sua perspectiva sobre os potenciais leitores de textos literários, isto é, sobre a receptividade¹⁰ deste tipo de textos literários produzidos maioritariamente nos, ou sobre os territórios africanos, tanto nas antigas colónias de Portugal em África, como na ex-Metrópole. Secunda esta perspectiva, igualmente, a abordagem feita por BULGER (1997), *op. cit.* a este propósito (do destinatário) e numa relação com a noção de ‘regionalismo’ na literatura, nos seguintes termos:

Não será de estranhar, portanto, a difusão essencialmente local dessa literatura e, ao mesmo tempo, a recepção pouco calorosa dos consumidores/leitores congregados nos grandes centros urbanos, onde a noção de regionalismo resulta, em parte, de uma cultura mediática, que tende a explorar o seu lado etnográfico, político e ecológico (...).¹¹

Tendo em atenção a citação acima, consideramos que a expressão ‘a difusão essencialmente local dessa literatura’ pode, neste contexto de abordagem, referir-se analogicamente aos territórios africanos, nalguns casos, aos textos que se debruçam sobre África, particularmente aquela África *naïfe*, profunda e inacessível.

No que diz respeito, por sua vez, à expressão ‘recepção pouco calorosa dos consumidores/leitores congregados nos grandes centros urbanos’, achamos que pretende localizar o potencial público leitor, que se encontra tanto nas cidades africanas, como (em número reduzido) nas cidades da antiga Metrópole, neste caso, de Portugal.

Outro facto importante que nos parece poder contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno literário moçambicano tem a ver com a diversidade linguística e cultural do país e a sua influência neste tipo de escrita literária.

A questão linguística e, na perspectiva de Trigo (1994), especialmente da língua nas escritas literaturas africanas é antiga e tem vindo sistematicamente ao de cima, quando se pretende, por exemplo, negar a autenticidade africana a essas literaturas que se exprimem na língua do ex-colonizador¹².

Este problema não é pacífico, pois para ele confluem aspectos políticos, linguísticos (relacionados particularmente com a problemática das interferências linguísticas) e estéticos. Achamos igualmente pertinente, a este propósito, a convocação das interrogações (para reflexão) de Lecherbonnier (1977), concernentes à problemática da estética, na definição duma literatura africana, particularmente das sociedades ágrafas. Abordando questões relacionadas com a tradição literária africana, com os géneros literários dos textos e com a língua e a cultura que se lhes corporiza, este estudioso tece as seguintes considerações:

Que géneros literários fazer evoluir, segundo que tradição (europeia ou africana, quer dizer, a maior parte do tempo oral), para que público escrever, em que língua, como inserir-se na literatura internacional? Os valores da estética europeia podem dar conta duma obra literária africana?¹³

De qualquer modo e, para concluir, podemos referir que, mesmo tendo em consideração todos os problemas que ainda se colocam na literatura moçambicana, as situações de multilinguismo que caracterizam o país não são, de modo algum, completamente desfavoráveis à prática da escrita literária, em particular, e da escrita, em geral.

Parece-nos evidente que a possibilidade de uma escrita literária em Moçambique, baseada numa das línguas nativas dos seus utentes seria, eventualmente, o procedimento natural a preferir, na medida em que congregaria o pensamento e o sentimento mais íntimo e profundo de africanidade, em conjugação com uma visão mais global dos seus autores, sobre a sociedade em que vivem e sobre a sua integração no mundo (entretanto, nesta perspectiva, como se procederia com aqueles moçambicanos, cujo substrato cultural e linguístico não é Bantu?)

Em consequência das contingências históricas de que já fizemos referência, verifica-se um outro tipo de relação entre a língua da escrita literária, na maioria dos países de África (excepção seja feita a alguns países de língua de cultura árabe) e a cultura material e espiritual que se exprime nessa mesma língua.

Atente-se, mais uma vez, à seguinte sugestão, em torno desta questão, que nos é apresentada, mais uma vez, por Trigo (1994), *op. cit.*, ainda a propósito deste fenómeno literário:

“Seria desejável que à africanidade estética dum texto se viesse juntar uma língua também ela africana, o que contribuiria para um maior rigor do pensamento da escrita, mas isso não significa que, não existindo essa língua, a africanidade não exista¹⁴”.

No que diz respeito particularmente a Moçambique (com predominância do grupo-etno-linguístico Bantu) e para uma melhor abordagem desta problemática da língua, na escrita literária, importa fazer um breve relance em torno do mapa linguístico de Moçambique¹⁵, que indica existirem no país, maioritariamente representadas, as línguas de tronco Bantu mas também as línguas (minoritárias) de origem asiática.

Estas línguas são um forte símbolo de identidade étnica, com funções sociais específicas, tais como a educação, a moral, a socialização e a agregação, etc. Entretanto, existe conjuntamente a língua portuguesa que, em virtude das contingências históricas e, não obstante o facto de contar com um número reduzido de falantes, se assume como língua de prestígio, como língua oficial, usada na governação, na educação formal e em assuntos administrativos.

A cultura islâmica (com forte influência do super extracto Bantu, creio eu), na sua relação com a religião muçulmana no país é de forte implantação na sociedade moçambicana, no entanto, ela não parece ter expressão literária, pelo menos publicamente conhecida.

Para terminar e para reflexão, no meio deste mosaio cultural moçambicano (a literatura é a expressão artística da cultura), que identidade?

É precisamente por isso (o nosso carácter multicultural, multilinguístico) que somos de opinião de que todas as fases históricas, com as suas vertentes político-ideológica, socioeconómica e cultural devem ser tomadas em consideração para, com rigor científico e criterioso, se poder determinar as linhas de força que caracterizam e concretizam a nossa literatura.

Pensamos que esta atitude, esta forma de abordagem poderia ajudar na eliminação de omissões de períodos históricos, o que de certo modo, dificulta o cabal conhecimento da actividade literária desenvolvida naquele espaço. Nesse sentido, tal consideração permitiria identificar, nessa produção literária, com marcas histórico-políticas específicas, vectores de ambiguidade, de continuidade, de convergência, de divergência e até de ruptura que as caracterizaram. Um estudo desse âmbito permitiria, como brevemente nos referimos acima, o

enriquecimento e o aperfeiçoamento da História da Literatura moçambicana, da teoria, da crítica e até da sua ciência literárias.

Parece-nos ser redutora e omissa a intenção, a estratégia ou a metodologia que toma em conta, como pertença da literatura moçambicana, exclusivamente aquela que apresenta, de forma mais ou menos evidente, traços ou qualidades sobretudo temáticas (e literárias) identificáveis com o que se considera - e aqui concordamos Hamilton (1984, p. 14), com o seguinte entendimento - “uma consciência de africano (...) que procura(va) uma inversão da sua própria aculturação”. Então, se somos aculturados, assumamos, por isso, a nossa herança histórica, ou seja, a nossa multiculturalidade, o nosso hibridismo, conceitos, muitas vezes «mal-amados».

Bibliografia

BHABHA, Homi K. «A questão outra», in *Descolonizar a 'Europa'*. Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-colonialidade (ENSAIO – Organização de Manuela Ribeiro Sanches). Lisboa, Livros Cotovia, 2005.

BULGUER, Laura Fernanda. «Histórias da montanha: um modo de encarar a terra», in *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas* (Coordenação de Fernando Cristóvão, et al.). Lisboa, Edições Cosmos, 1997.

HAMILTON, Russel. *Literatura africana*. Literatura necessária II. Lisboa, Edições 70, 1984.

LECHERBONNIER, Bernard. *Initiation à la Littérature Negro-Africaine*. Paris, Fernad Nathan, 1977.

MARTINHO, Ana Maria Mão de Ferro. *Cânones Literários e Educação, os casos angolano e moçambicano*. Lisboa, (Tese de Doutoramento UNL-FCSH), 1998.

NEWITT, Malyn. *História de Moçambique*. Publicações Europa-América, Lda, (Coleção Biblioteca da História), Sintra, 1997. (Título original: *History of Mozambique*, Originally published by C. Hurst & Co Publishers Ltd.). Tradução portuguesa de Lucília Rodrigues e Maria G. Segurado.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*. Porto, Porto Editora, 17. ed. corrigida e actualizada, 2000.

TRIGO, Salvato. “Literatura Colonial”, 1994: 139, in *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* (Compilação com a coordenação de Manuel Ferreira). 2. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.